

# A Aquisição da Linguagem Dentro de uma Visão Interacionista

Hipólito Virgílio Magalhães Jr.

---

Professor do Curso de  
Fonoaudiologia da  
Universidade de  
Fortaleza

## RESUMO

*Este ensaio parte de uma pesquisa bibliográfica sobre a aquisição da linguagem, dentro de uma visão sócio-construtivista, também denominada de interacionista, em que no Brasil, vem sendo desenvolvida dentro de uma denotação bem consolidada em publicações científicas na área da lingüística e na área da Fonoaudiologia, como uma das abordagens teóricas de construção da linguagem na criança.*

*Os aspectos ressaltados no texto vem de uma interpretação pessoal nossa sobre como a linguagem está constituindo a pessoa em desenvolvimento.*

## ABSTRACT

*This summary is part of a bibliographical search on the acquisition of the language, inside of a socio-constructivist vision, also called interacionist, that, in Brazil, it has been developed inside a very strong denotation in scientific publications in the area of the linguistic and the area of the Speech Pathologist, as one of the theoretical boardings of construction of the language in the child.*

*The salient aspects in the text come of a personal interpretation ours about as the language is constituting the person in development.*

## A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Se observarmos os bebês quando nascem, verificamos que há uma capacidade de se comunicarem com os adultos de uma forma

que se torna possível a interpretação de suas produções sonoras, como os choros, gritos e, posteriormente, os balbucios e expressões faciais e gestos. Embora essa interpretação parta de um sentido que só diz respeito à capacidade do cuidador em

compreender em sua própria linguagem como isso vai se dando, verificamos que as necessidades e desejos da criança são satisfeitos na relação que vai se formando juntamente com a comunicação que vai se estabelecendo.

O adulto aqui denominado como o outro ou cuidador, quando responde o mais cedo possível a esses tipos de comunicação com o bebê, pela forma como fazem a leitura de suas ações e necessidades, propicia um ambiente favorável ao desenvolvimento e interação, onde as trocas das produções sonoras vão ganhando sentido em sua linguagem à medida que as coloca dentro de práticas discursivas. Mas como a criança irá adquirir sua linguagem?

É uma pergunta muito interessante, uma vez que se tem muitos pontos de vista. Estudando a teoria interacionista, proposta por alguns autores (De Lemos, 1995; Lier-De-Vitto, 1995 e outros), percebemos que tal aquisição vai acontecendo em um período de desenvolvimento em que todos os aspectos do desenvolvimento estão maturando e a pessoa começa a ganhar em habilidades lingüísticas e não-lingüísticas. Sem termos a pretensão de categorizar em etapas "o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem", esse estudo tem o propósito de considerar a linguagem em seu processo de construção, tomando como enfoque "o diálogo", que vai se constituindo nas práticas discursivas (Lemos, 1995, p. 24), sendo constituído nas interações da criança com o outro; processo, portanto, presente desde o nascimento.

Para compreender o significado da palavra linguagem, utilizamos a citação de Henry, P. (apud De Lemos, 1995, p.18) ao definir "linguagem como realização do simbólico", tendo "a função constitutiva ao constituir e ser constituída pelo conhecimento na atividade dialógica"(Palladino, 1986, p.5). Ou seja, a linguagem é um processo simbólico, pois se utiliza de uma representação das realidades ausentes, ou não concretas e é constitutiva da pessoa pois quando nos colocamos enquanto ser humano, nossa identidade de sujeito se manifesta nos sentidos que a linguagem nos delinea, embora não delimite.

A atividade dialógica é de grande importância para o desenvolvimento das práticas discursivas, porque por meio dela a linguagem/conhecimento é constituída/construída pela interpretação do outro, que vai propiciando àquele ser em formação todas as condições necessárias para apreender as estruturas da língua materna e entrar no mundo dos sentidos propiciados na/pela linguagem. Dentro desta visão não há conhecimento fora da linguagem.

Lier-de Vitto (1995), descreve que esse processo se inicia quando uma criança produz um som e o outro toma essa produção como um dizer dirigido a ele que ao interpretá-lo assim, o remete à zona discursiva, inserindo-a numa rede de formas e de sentidos ao articulá-lo num texto.

Sob tal afirmação, a linguagem inicialmente está presente na/pela interpretação do outro, que pela sua escuta dá sentido às produções da criança numa cadeia significante. O que De Lemos (Op. Cit) diz ser o percurso singular da criança na sua relação com a linguagem por meio da interpretação do outro. Vale ressaltar que essa relação é imprevisível e caminha em direção à presença de fragmentos da fala do outro na fala da criança.

Esses fragmentos podem ou não, estar foneticamente indeterminados e se manifestam diferentes, dependendo do contexto sócio-cultural ao qual a criança está inserida e das estruturas da língua que são sistematizadas pelo discurso familiar. Sendo que são essas estruturas que vão caracterizar tais fragmentos e posteriormente as primeiras palavras que vão surgindo no vocabulário da criança e que são significados pelo outro na cadeia textual-discursiva.

O processo de aquisição de linguagem que vai se estruturando aproximadamente entre os 7 meses e 2 anos de idade, vai sendo constituído à medida que a criança vai estruturando seu vocabulário. Embora apresente palavras ininteligíveis quanto à estrutura lingüística, o sentido que dá a essas estruturas caracterizam o processo de linguagem em construção, onde a criança só identifica sua fala quando reconhece seu dizer pela interpretação do outro. Em outras palavras, estando as



estruturas de sua língua em formação, uma palavra por ela dita e devolvida interpretada e complementada pelo adulto, só é aceita pela criança se o adulto devolver a palavra que corresponda ao que ela quis dizer (Ex: a criança disse 'boo' olhando para a mãe e a mãe afirma uma palavra como 'bola'; se o que quis expressar foi 'bolo', a criança só vai aceitar a palavra correspondente, com o contexto de sua necessidade comunicativa, tendo que o adulto perguntar ou especular mais sobre o que ela queria dizer).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem em construção, então, está na interpretação do outro, que propicia os ajustes nas produções lingüísticas da criança, em relação às suas produções lingüísticas. Entretanto, a tendência será a criança chegar a uma escuta de suas próprias produções ao passar por um processo em que forma sua subjetividade separada desse outro, parcialmente independente, enquanto esfera de onde se fala e se significa.

A partir dessa afirmação observamos uma criança que começa a se deslocar, apresentando uma fala que não precisa ser apropriada plenamente pelo outro, isto é, sua escuta começa a identificar sua própria fala inserida na cadeia textual da estrutura discursiva pelo sentido/ efeito das relações entre significantes.

Em contrapartida, a criança ao se escutar começa a se subjetivar, como que se percebendo enquanto pessoa capaz de dar origem ao som e à idéia, e a dar sentido ao que ambiente externo ao seu corpo ao conhecer e perceber os objetos que a cercam.

Pressupomos que, a partir desse escutar-se, surgem na criança as reformulações do seu dizer frente a língua que nela foi interiorizada, tornando-se agora, como De Lemos (1995) afirma, a língua/o Outro que a desloca e ressignifica, ao relacionar-se com um externo que ela percebe e busca conhecer. A linguagem, portanto, é construída, no/pelo diálogo que ganha sentido

na/pela interpretação do outro (sujeito a ser dessubjetivado) e Outro (língua, agora, constituída na criança). E a linguagem estando constituída no sujeito, é utilizada por ele, freqüentemente, ao inserir-se num meio social onde todos os outros, como ele, também, são assujeitados pela linguagem que funciona/ganha sentido numa língua e no dizer do outro, na polissemia. Com isso, constatamos que o sujeito não consegue controlar a linguagem, uma vez que não se aprisiona o simbólico.

Considerando a afirmação de Palladino (S.D.) ao referir que o desenvolvimento é a história das marcas e direções discursivas, dos movimentos na linguagem, gostaria de justificar o motivo de haver pontuado o processo de construção da linguagem da criança. Conhecendo o funcionamento da linguagem como efeito de sentidos no dizer do outro<sup>2</sup>, encontro segundo as palavras de Cláudia Lemos (in: Palladino, S.D.) que "o funcionamento da linguagem é o mesmo na criança e no adulto desde o princípio. Ainda que este funcionamento dependa de apropriação e metabolização pela fala do outro".

Para analisar o percurso da minha clínica, torna-se imprescindível conhecer o objeto de estudo da Ciência Fonoaudiológica, em busca de evidenciar a visão de linguagem que subjaz a abordagem metodológica da Clínica de linguagem. Descrevemos a Fonoaudiologia como disciplina, que fundamenta seu fazer clínico em subsídios da fenomenologia e arqueogenealogia, como afirma Severino (1996) quando enfatiza as pesquisas na área, a fim de implementar metodologias na Clínica. Ou seja, hoje, a ciência exige qualidade no que pretende fazer, não aceitando mais como Fonoaudiologia as chamadas "receitas de bolo".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, R.M. **O Objeto da Fonoaudiologia.** Texto inédito apresentado no II Seminário Introdutório promovido pela Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, 1996.

---

<sup>2</sup> Expressão baseada nas reflexões de Sobrinho (1996)

- CUNHA, M.C. **Deslizamentos e Deslizes do Campo Fonoaudiológico em Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território.** São Paulo : Ed. Plexus, 1997.
- De LEMOS, C.T.G. Língua e Discurso Na Teorização Sobre Aquisição de Linguagem. **Letras de Hoje**, Porto Alegre : V. 30, n.4, p. 9-28, 1995.
- De LEMOS, C.T.G. **Corpo e Linguagem.** Anais do Encontro Bienal da Sociedade Brasileira de Psicanálise, 1995.
- LIER-DE VITTO, Língua e Discurso: à luz dos monólogos da criança. **Letras Hoje.** Porto Alegre. V. 30, n. 4, p. 45-56, 1995.
- PALLADINO, R.R. Reflexões Sobre a Investigação de Linguagem em Crianças Pequenas. **Revista Distúrbios da Comunicação**, vol. 1, n. 1, p. 1-11, 1986.
- PALLADINO, R.R. **A Clínica Fonoaudiológica à Luz do Interacionismo.** Texto Inédito, S. D.
- SEVERINO, A. A Fonoaudiologia Como Ciência: perspectivas epistemológicas In: PASSOS, M.C. **Fonoaudiologia Recriando Seus Sentidos.** São Paulo: Ed. Plexus, 1996.
- SOBRINHO, A. Dizer o Dito - a questão da interpretação na Fonoaudiologia, **Revista Distúrbios da Comunicação.** vol. 8, n. 1, p.23-39, 1996.